

# SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA NO CURSO INFERIOR DA BACIA DO RIO LIMA — O CONCELHO DE VIANA DO CASTELO EM PERSPETIVA

ANDREIA AREZES\*

**Resumo:** *As sepulturas escavadas na rocha constituem formas particulares de expressão das comunidades medievais na sua resposta à morte. Dotadas de especificidades morfológicas cuja evolução e cronologia há muito se vem procurando delinear, marcam a paisagem e veiculam materialmente aspetos da sensibilidade religiosa e socioeconómica subjacente. Neste texto promovemos uma aproximação às sepulturas escavadas na rocha no setor jusante da bacia do Lima, território que, do ponto de vista administrativo, é em grande medida abarcado pelo atual concelho de Viana do Castelo, inserido na fachada ocidental do noroeste peninsular. Partindo de trabalhos e inventários previamente efetuados propomo-nos, por um lado, retornar a um conjunto de sítios já arrolados e descritos, no sentido de visitar as existências documentadas e o presente estado de conservação das estruturas. Por outro, confrontar os diferentes dados publicados com renovadas observações, visando aferir e complementar o mapeamento deste tipo de manifestação sepulcral, transversal a diversas geografias europeias, muito embora com especial representatividade na Península Ibérica.*

**Palavras-chave:** *Sepulturas escavadas na rocha; Setor jusante do Lima; Revisão; Mapeamento.*

**Abstract:** *Rock-cut graves are particular forms of expression of medieval communities in their response to death. Endowed with morphological specificities whose evolution and chronology have long been sought to outline, they mark the landscape and materialize aspects of the underlying religious and socioeconomic sensitivities. In this text I approach the rock-cut graves detected in the downstream sector of the Lima basin, a territory that, from an administrative point of view, is largely correspondent to the current municipality of Viana do Castelo, located in the western façade of the northwest of Iberian Peninsula. Using researches and inventories previously carried out as a starting point I propose, on the one hand, to return to a set of sites that have been already listed and described, in order to revisit the reported occurrences and the current state of conservation of the structures. On the other hand, to confront different published data with renewed observations, aiming to validate and to complement the mapping of this type of funerary manifestation, transversal to different European geographies, although with special representation in the Iberian Peninsula.*

**Keywords:** *Rock-cut graves; Downstream sector of Lima; Review; Mapping.*

## 1. INTRODUÇÃO

O território abordado neste texto, inscrito no noroeste peninsular, foi ocupado por uma densa rede de castros na Idade do Ferro<sup>1</sup>. Já sob o domínio romano, encontramos-lo como parte integrante da província da *Gallaecia*, tendo começado

---

\* FLUP/DCTP; FLUP/CITCEM. Email: aarezes@letras.up.pt.

<sup>1</sup> ALMEIDA, 1968: 12-13; SILVA, 2009: 103-168.

a evidenciar a marca da organização eclesiástica, espelho inequívoco do avanço da cristianização, a partir do século IV. No quadro do reino suevo, por seu turno, a velha *Gallaecia* apresentava limites algo mal definidos, exceção feita, naturalmente, aos coincidentes com os limites impostos pelo Atlântico, a oeste<sup>2</sup>. E sendo certo que a repartição do seu território na segunda metade do século VI por treze dioceses (e paróquias dependentes), supostamente às ordens do rei Miro — conforme veiculado pelo *Parochiale Suevum* — representou um importante avanço organizacional do ponto de vista administrativo, tal não significa que o propósito de controlo e evangelização deste território<sup>3</sup> tenha sido cumprido de modo integralmente homogéneo.

As referências à ocupação antiga da região, designadamente proto-histórica e romana, não são, como veremos, de somenos importância. Na verdade, os nexos de proximidade entre sepulturas rupestres e castros, vias (romanas ou medievais) ou simplesmente, velhos caminhos, têm sido atestados em vários estudos e para diversas geografias<sup>4</sup>. Em paralelo, também a correlação entre a implantação destas estruturas tumulares e a de edifícios religiosos merece ser sublinhada, sendo possível apontar múltiplos exemplos concretos que a corroboram<sup>5</sup>. No entanto, os templos atualmente observáveis em conexão são, em grande medida, mais tardios, ainda que possam configurar «roupagens» mais recentes de estruturas primitivas.

A situação apreciada para o curso inferior da bacia do Lima, atualmente correspondente, do ponto de vista administrativo, ao espaço abarcado pelo concelho de Viana do Castelo, denuncia pontos de contacto evidentes com a realidade genérica descrita. Pautado por uma matriz eminentemente granítica, é entrecortada por manchas de outros minerais. Com efeito, os granitos porfíroides constituem o substrato primordial observável na paisagem: na Serra de Santa Luzia, que se prolonga até Cuturo e Agrichouso, avultam os de grão fino ou médio; na Serra de Perre, que se ergue entre Outeiro e Nogueira, os de grão médio ou grosseiro. Já a sul do Lima, na mancha de Geraz e da Serra da Padela, sobranceira a Portela de Susã, ressaltam os granitos de grão médio ou fino. Há, contudo, alguns filões xistosos, por exemplo, em Santa Leocádia de Geraz do Lima<sup>6</sup> ou, voltando a perspetivar a margem norte, entre a Arga e as Serras de Perre e Santa Luzia. Aliás, sobre a faixa xistenta foram-se erguendo povoações, caso de Montaria, Vilar de Murteda e Amonde<sup>7</sup>.

A referência a zonas de contacto entre granitos e xistos leva-nos a mencionar os recursos mineiros da região. Destacamos as explorações estaníferas, presentes espe-

<sup>2</sup> MARQUES, 2003: 153.

<sup>3</sup> MARQUES, 2003: 153, 155; ALARCÃO, 2015: 36-37.

<sup>4</sup> LOPES, 2002: 143, 150, 201; BARROCA, 2010-2011: 137, 140; GUEDES, 2015: 27, 101.

<sup>5</sup> REAL, 1985: 9-17; BARROCA, 2010-2011: 137, 142-143; MARTÍN VISO, 2016: 864.

<sup>6</sup> TEIXEIRA, MEDEIROS, COELHO, 1972: 21-29.

<sup>7</sup> TEIXEIRA, MEDEIROS, COELHO, 1972: 13.

cialmente em áreas de aluvião e de filões pegmatíticos. É neste âmbito, precisamente, que podemos inserir a zona do Folgadoiro (em Amonde) ou a da Bouça das Freiras (em Nogueira), locais onde há sepulturas rupestres sinalizadas<sup>8</sup>.

O espaço em análise é, pois, cunhado por relevos acidentados, sobretudo na margem direita, mais montanhosa, onde a altitude máxima pode oscilar entre os 500 e os 700 metros. Na generalidade, porém, é no intervalo balizado entre os 100 e os 500<sup>9</sup> que se integra a maior parte da área estudada. Não podemos, contudo, deixar de mencionar os terrenos da veiga limiana, aplanados, baixos e muito férteis<sup>10</sup>. Ladeiam o curso do Lima, onde confluem várias das linhas de água que aproveitam a pendente do terreno. Respondendo a diferentes motivações estratégicas, mais ou menos prementes consoante a cronologia e as circunstâncias, montes e áreas baixas foram palco de uma intensa ocupação humana, documentada para uma ampla diacronia.

É certo que a abordagem às manifestações funerárias que motivaram a construção deste texto implica, necessariamente, que nos concentremos no período altomedieval. Não obstante, parece inviável desarticulá-las, por um lado, da matriz antiga de povoamento e por outro, dos contornos que irão ditar a evolução posterior do território. E se, nalguns casos, a noção relativa à existência de sepulturas rupestres se perdeu, noutros é notória a persistência de memórias, ainda que sob a forma de *estórias*.

Note-se, em paralelo, que o estudo das sepulturas rupestres continua ainda a representar um desafio. Apesar dos desenvolvimentos da investigação na segunda metade do século XX, com a publicação de alguns estudos incontornáveis levados a cabo naquele que é hoje o território espanhol, sobretudo a partir dos anos 70<sup>11</sup> e, em Portugal, inaugurados em 1987<sup>12</sup>, há ainda lacunas de conhecimento importantes a realçar.

No Noroeste, em que se inscreve o território que aqui tratamos, podemos apontar duas grandes dificuldades: a quase inexistência de escavações debruçadas sobre esta realidade arqueológica particular (de que decorre a escassez de dados contextualizados)<sup>13</sup> e, em paralelo, os problemas com que se confrontam as prospeções de terreno.

Fortemente ocupado e retalhado, tem sido sujeito a danos não negligenciáveis, pelo que algumas das referências patentes na bibliografia nos conduzem até zonas que, à época, eram rurais, e hoje estão recobertas de construções (habitações, polos des-

<sup>8</sup> TEIXEIRA, MEDEIROS, COELHO, 1972: 34; BARROCA, 2010-2011: 151-152.

<sup>9</sup> IGEO CAOP, GTF Viana do Castelo, 2012.

<sup>10</sup> PEREIRA, MARTINS, 2018: 1162, 1164.

<sup>11</sup> CASTILLO, 1970; CASTILLO, 1972.

<sup>12</sup> BARROCA, 1987.

<sup>13</sup> «A natureza deste tipo de cemitérios dificulta sobremaneira as investigações, pelo desaparecimento, na larga maioria dos casos, do seu contexto estratigráfico. No Entre Douro e Minho quase todos os exemplos de sepulturas rupestres que se conhecem são procedentes de prospeções de superfície, quedando os sepulcros violados e expostos» (BARROCA, 2010-2011: 117).

portivos, estradas)<sup>14</sup>. Noutros casos, porém, os sítios sinalizados mantêm-se à margem de uma presença continuada. Mas se, por um lado, surgem envoltos em vegetação, que inviabiliza a prospeção sistemática, por outro denotam as consequências decorrentes das profundas transformações do uso do solo ocorridas nas últimas décadas. Em lugares previamente ocupados por carvalhos, castanheiros e oliveiras, estendem-se agora manchas de eucaliptos: geradores de madeiras intensamente exploradas, em processos que envolvem maquinaria (por vezes pesada) e não raro culminam na destruição de velhas passagens e caminhos empedrados<sup>15</sup>. Da conjugação destas circunstâncias decorre, pois, a confrontação com espaços progressivamente alterados, onde os vestígios vão sendo expostos a perigo ou acabam mesmo por se perder.

Ora, se a prospeção (enquanto metodologia de abordagem aos testemunhos materiais) se debate com alguns dos problemas aqui evocados, a procura de indícios na documentação também não tem revelado resultados especialmente profícuos. Com efeito, as referências documentais potencialmente alusivas à existência de sepulturas rupestres não são especialmente abundantes. Não obstante, Mário Barroca assinalou algumas ocorrências sugestivas, como as que se encontram patentes no *Liber Fidei* e nas Inquirições de 1258, onde é feita menção a *archas* e *piam* pétreas. Um dos casos identificados nas Inquirições remete, precisamente, para o território do curso inferior do Lima, concretamente, para Santa Cristina da Meadela, à altura parte integrante do julgado de Ponte de Lima<sup>16</sup>.

É certo que, até ao momento, não foi possível detetar sepulturas rupestres em torno de Santa Cristina, onde terá existido uma igreja de invocação à mártir oriental, e que foi sede de antiga paróquia da Meadela. Contudo, escavações levadas a cabo em área entretanto adulterada pelas terraplanagens que precederam a construção dos acessos à nova ponte sobre o Lima<sup>17</sup>, colocaram a descoberto os alicerces do templo primitivo, a par de estruturas de enterramento, entre as quais um sarcófago de configuração antropomórfica. A interpretação avançada por Antunes Abreu e Cruz Lopes<sup>18</sup> (responsáveis pela intervenção), e secundada por J. Matos, aponta no sentido de os vestígios em causa coincidirem com os do adro da velha igreja da Meadela<sup>19</sup>, entretanto abandonada e desmantelada<sup>20</sup>,

<sup>14</sup> É este o caso, por exemplo, do entorno da Igreja da Senhora do Olival, em Perre.

<sup>15</sup> Situação perfeitamente ilustrada no Monte de Agrichouse, em Afife.

<sup>16</sup> BARROCA, 2010-2011: 146.

<sup>17</sup> Note-se ainda que, na sequência das referidas terraplanagens, foi identificado um bloco pétreo, que A. Abreu classificou como ara romana (MATOS, 1994: 19-20), facto que, a confirmar-se, atestaria a diacronia de ocupação daquele espaço.

<sup>18</sup> ABREU, LOPES, 1992.

<sup>19</sup> MATOS, 1994: 18.

<sup>20</sup> «Após o desativar do templo, as paredes foram demolidas e ficaram somente os alicerces, [...] cobertos por terra arável. Por esse motivo o sítio da igreja [...] virou campo de cultivo até ao momento em que se tornou necessária a intervenção arqueológica [...]. A intervenção arqueológica pôs a descoberto uma boa parte das estruturas da igreja, cuja cabeceira rematava em semicírculo. O aparelho, cuidado, com grandes silhares aparelhados, faz supor que externamente não teria argamassa, situação que [...] faz pensar numa estrutura românica, posteriormente reformulada [...] entre os túmulos descobertos — alguns dos quais são sarcófagos — têm cronologias que os colocam entre o século XII e o XIV» (ALMEIDA, 2008: 282).

e que Almeida Fernandes sugere derivar de um primitivo *martyrium eremítico*<sup>21</sup>, expressão equívoca e que exigiria apuramento. De qualquer modo, nas imediações da atual igreja da Meadela — construída em finais do século XVII e restaurada em 196<sup>22</sup> — são observáveis dois sarcófagos, naturalmente descontextualizados, mas cuja presente implantação poderá não distar muita da original. Não havendo forma de afirmar categoricamente se a referência das Inquirições à *petra da arca* de Santa Cristina da Meadela<sup>23</sup> se reportaria aos sarcófagos mencionados, ou antes a estruturas sepulcrais rupestres não identificadas, deixamos esta questão em aberto e avançamos para a abordagem aos dispositivos efetivamente detetados ou, pelo menos, sinalizados na bibliografia.

## 2. AS ESTRUTURAS RUPESTRES DO CURSO INFERIOR DO LIMA

A «história» das referências a sepulturas escavadas na rocha no território em análise cruza-se com a das primeiras «incursões» arqueológicas de um conjunto de figuras originárias do concelho, e que viriam a marcar as pesquisas dos meados do século XX, especialmente a nível local e regional. É este o caso de José Rosa de Araújo, que profundamente empenhado no desenvolvimento dos estudos regionais, foi cofundador do Arquivo do Alto Minho<sup>24</sup>, publicação que abarca alguns contributos valiosos para a construção da história da arqueologia de Viana.

Mas há outros nomes a merecer igualmente referência, e para um âmbito territorial mais amplo. Leandro Quintas Neves, Abel Viana e Afonso do Paço, em trabalhos de índole variada e mais ou menos exaustivos e providos de pormenores, forneceram indicações incontornáveis para a elaboração do inventário de sítios do concelho. Naturalmente marcados pelo contexto em que são produzidos, refletem a aplicação de metodologias que, nalguns casos, são cientificamente embrionárias; em contrapartida, porém, denotam um efetivo conhecimento do terreno.

De qualquer modo, seria preciso aguardar até 1987 para ser trazida a lume a primeira obra em que os vestígios de sepulturas escavadas na rocha de todo o Entre Douro e Minho viriam a ser não apenas sistematizados, mas também finalmente enquadrados e perspetivados à luz da história da investigação. Uma obra que, ao mesmo tempo, abria espaço para debater a correlação entre tipologias e cronologias, e trazer à colação toda uma série de problemáticas, das quais destacamos as linhas de tradução simbólica de um quadro mental muito particular, ou a possibilidade de discernir padrões de implantação<sup>25</sup>.

<sup>21</sup> FERNANDES, 1994: 19.

<sup>22</sup> MATOS, 1994: 15, 57.

<sup>23</sup> BARROCA, 2010-2011: 146.

<sup>24</sup> Foi também fundador da revista *Alto Minho* (ALMEIDA, 2008: 25).

<sup>25</sup> BARROCA, 1987. Registe-se, a propósito, que neste artigo iremos citar, preferencialmente, o texto revisto, publicado em 2010 no volume 31-32 da revista «Portvgalia» (BARROCA, 2010-2011: 115-182).

Um ano mais tarde seria elaborado o primeiro esboço de uma *Carta Arqueológica* debruçada sobre o concelho de Viana. Entre as 133 fichas então preparadas por Carlos A. Brochado de Almeida e Alberto Antunes de Abreu<sup>26</sup>, encontramos referências a sepulcros rupestres: precisamente os mesmos que figuravam no trabalho de Mário Barroca, sem que qualquer ocorrência tenha sido acrescentada.

Vinte anos passados sobre a preparação dessas fichas, nunca publicadas, são editados dois volumes dedicados à arqueologia de Viana: o primeiro, novamente da autoria de Carlos A. Brochado de Almeida, abarca os vestígios datáveis da Pré-História ao período de ocupação romana<sup>27</sup>; o segundo, por seu turno assinado por Carlos A. Brochado de Almeida e Pedro Brochado de Almeida, aborda os testemunhos compreendidos entre a época medieval e a contemporânea. É neste, precisamente, que as sepulturas escavadas na rocha são novamente tratadas, assinalando-se onze ocorrências no total. E, neste quadro, encontramos quatro novos pontos a inserir na cartografia do concelho, três dos quais possuem um ponto em comum: a localização a sul do Lima<sup>28</sup>.

Há, em contrapartida, pelo menos dois sítios previamente arrolados e que já não aparecem mencionados na publicação de 2009. Um deles concerne, concretamente, ao núcleo do Folgadoiro, em Amonde<sup>29</sup>, a que adiante voltaremos; o segundo, a Santa Leocádia de Geraz do Lima. A indicação conhecida acerca deste último aponta no sentido da existência de estruturas rupestres na encosta poente do Alto do Geraz<sup>30</sup>. No entanto, as visitas ao terreno não nos permitiram localizá-las nem, conseqüentemente, reunir informação a seu respeito, pelo que o número de dispositivos ou a morfologia apresentada permanecem desconhecidos. Façamos então o ponto da situação para o território em estudo, começando por abordar as ocorrências da margem direita.

## 2.1. A norte do Lima

O primeiro dos sítios que se impõe aqui apresentar é a Capela das Almas, sede da paróquia de São Salvador do Átrio<sup>31</sup>. Referenciada já como Viana nas Inquirições de D. Afonso III, datadas de 1258, e na primeira versão da carta de foral, outorgada pelo mesmo monarca<sup>32</sup>, encontrava-se, à época, integrada no Julgado de Ponte de Lima.

---

<sup>26</sup> ALMEIDA, ABREU, 1988.

<sup>27</sup> ALMEIDA, 2008.

<sup>28</sup> ALMEIDA, ALMEIDA, 2009: 47-49.

<sup>29</sup> VIANA, 1955: 5-6; BARROCA, 1987: 147; 2010-2011: 142, 151.

<sup>30</sup> BARROCA, 1987: 148; 2010-2011: 152; BROCHADO, 2004: 93.

<sup>31</sup> MOREIRA, 1986: 20-21, nota 3.

<sup>32</sup> ALMEIDA, BARROCA, 2002: 139.

Tudo indica, porém, que a ocupação daquele espaço remonta a tempos mais recuados. São conhecidas, ainda que não confirmadas, alusões ao aparecimento de cerâmicas «castrejas» e romanas na Capela das Almas e suas imediações<sup>33</sup>. E outras hipóteses foram entretanto aventadas, como a que aponta para a existência no local de uma *villa* (que supostamente teria evoluído para *villa ecclesia*)<sup>34</sup>, a par de um pequeno porto, a funcionar desde período romano<sup>35</sup>. De igual modo, foi também mencionada a possibilidade de o sítio se localizar nas proximidades da via romana que, depois de cruzado o Lima, ladeava o maciço de Santa Luzia e prosseguia para norte<sup>36</sup>.

É provável que o posicionamento estratégico da área justifique a continuidade da ocupação, traduzida também na construção de um dispositivo «suevo-visigótico», de que restou um alinhamento, reduzido ao nível do alicerce. Já no quadro da Reconquista, ali terá sido erguida uma estrutura pré-românica de planta quadrangular<sup>37</sup>, não sendo de excluir que as sepulturas rupestres identificadas sejam contemporâneas do mencionado dispositivo. Mais tardia é a igreja românica propriamente dita, da qual restam ainda alguns testemunhos arquitetónicos<sup>38</sup>, designadamente, o arcossólio observável na fachada sul. Em meados de Quatrocentos, a construção da Matriz no interior do perímetro muralhado relegou o espaço de culto das Almas (também chamado de Igreja Velha, e de que a Câmara possuía o padroado) para segundo plano. Estrutura de pequenas dimensões e desadequada para a função de igreja paroquial manteve, contudo, a sua utilização funerária: em seu redor, aliás, continuaria a funcionar o «principal cemitério da Vila»<sup>39</sup>.

Acerca das estruturas de enterramento rupestres das Almas é, contudo, muito pouco o que se sabe. Conforme perceptível no registo fotográfico disponível<sup>40</sup> (Fig. 1), apresentavam-se truncadas, tendo, além do mais, sido afetadas pelos meios mecânicos utilizados no quadro de intervenções recentes. É certo que, já em obra dada à estampa em 1882, e a propósito da construção do antigo mercado (desativado nos anos 70 do século XX) no entorno das Almas, mais concretamente, junto da antiga

<sup>33</sup> A exumação das cerâmicas terá ocorrido no quadro das escavações levadas a cabo por Sousa de Oliveira; no entanto, não houve possibilidade de aceder aos cadernos de campo em que tais recolhas estarão documentadas (LEAL, 2009: 24). Por seu turno, C. A. Brochado de Almeida refere, concretamente, o achado de *um pequeno pote de origem e técnica castreja* (ALMEIDA, 2008: 295). Contudo, em ponto mais avançado do mesmo texto, o autor refuta a possibilidade de as cerâmicas em causa serem originárias da Igreja das Almas (ALMEIDA, 2008: 295-296).

<sup>34</sup> LEAL, 2009: 26-27.

<sup>35</sup> LEAL, 2009. Ainda a respeito da presença de um porto na área das Almas, mas em cronologia mais avançada, atente-se nesta passagem de Pinho Leal: «Aquela ermida [de São Bento], ao pé da igreja das Almas, servia de desembarcadouro na passagem do rio Lima, e por isso vivia nella um ermitão, frei Hieronymo» (LEAL, 1882: 451).

<sup>36</sup> ALMEIDA, 2008: 295.

<sup>37</sup> LEAL, 2009: 26-27.

<sup>38</sup> LEAL, 2009: 27.

<sup>39</sup> MOREIRA, 1986: 222-223.

<sup>40</sup> Agradecemos a Miguel Costa, arqueólogo municipal de Viana do Castelo, o envio do ficheiro que incluímos nas estampas deste texto.

**Fig. 1.**  
Registo referente às estruturas rupestres identificadas nas proximidades da atual Capela das Almas. Captado pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo, no decurso de trabalhos arqueológicos realizados na área  
Fonte: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo



ermida de São Bento, Pinho Leal mencionava a existência de sepulturas escavadas na rocha, ocultas sob o Cruzeiro do Senhor da Boa Lembrança<sup>41</sup>. Desde as referências de Pinho Leal, decorreram mais de cem anos. E o espaço em causa foi sendo paulatinamente urbanizado. Dos três sepulcros que se conservam no afloramento granítico (dois dos quais em posição rigorosamente paralela entre si) não conseguimos apurar a orientação, as medidas ou a tipologia precisa. Não obstante, julgamos válido afirmar que integrariam um núcleo, mas não há como aferir a sua dimensão, ou se o número original de ocorrências justificaria falar em necrópole. É certo que entre o local preciso de identificação dos três sepulcros e a área de implantação da desaparecida ermida de São Bento, onde figurariam as sepulturas «contiguas, abertas em rocha»<sup>42</sup>, há algumas dezenas de metros de permeio. Neste sentido, não será de excluir a hipótese de naquele intervalo ter, de facto, existido um espaço funerário de cariz cemiterial.

Ora, no quadro das velhas paróquias do território atualmente abarcado pelo concelho de Viana, há uma outra que aqui importa focar: *Ovinia*, que viria a originar o termo Vinha<sup>43</sup>. Mencionada no *Parochiale Suevum* ou *Divisio Theodomiri*, texto

<sup>41</sup> LEAL, 1882: 442; 451.

<sup>42</sup> LEAL, 1882: 451.

<sup>43</sup> MARQUES, 2004: 702.

sobre o qual se debruçaram Pierre David<sup>44</sup> e Avelino Jesus da Costa<sup>45</sup>, a sua origem poderá, pois, ser rastreada desde o período suevo-visigótico.

Em terreno da antiga paróquia, concretamente, na Pia dos Eidos foi identificada uma sepultura rupestre<sup>46</sup>. O único registo fotográfico conhecido deste dispositivo, de contorno trapezoidal, foi publicado por Abel Viana na década de 50<sup>47</sup>. No texto citado, o autor aludia às construções que por ali se vinham multiplicando desde os anos 20 e 30, e que começavam a dissimular as ocupações antigas, plasmadas em utensílios do Paleolítico e em restos de estruturas pétreas circulares da Idade do Ferro<sup>48</sup>. Aliás, e apesar de atualmente não ser possível apontar com precisão o local onde o sepulcro se encontraria implantado<sup>49</sup> (sabe-se apenas que seria logo à saída da cidade, entre a linha férrea e a base do Monte de Santa Luzia<sup>50</sup>), não podíamos deixar de sublinhar a proximidade espacial entre essa zona e dois sítios com ocupação proto-histórica: o Castro do Pêgo e, sobranceiro a este, a Citânia de Santa Luzia<sup>51</sup>. Convém também registar a presença de vestígios da presença romana nos solos férteis de veiga da atual Areosa, plasmados em materiais de construção (*tegulae* e *imbrex*) ou em mós manuais<sup>52</sup>. Uma conjugação de indícios que, muito embora algo dispersos, insuficientemente estudados ou, nalguns casos, entretanto mesmo aniquilados, sugerem a vigência de uma ocupação longa naquela área.

Acrescente-se que, no próprio Monte de Santa Luzia poderá ter existido uma sepultura rupestre; contudo, a indicação conhecida carece de confirmação<sup>53</sup>. Situação idêntica será a de Carreço, na medida em que as informações disponíveis são igualmente omissas quanto ao local específico de implantação, ou à tipologia do vestígio<sup>54</sup>. Neste sentido, os pontos sinalizados na cartografia apresentada em anexo para estes e para os demais casos de sepulturas mencionadas na bibliografia, mas já destruídas e sem restos associados, ou mesmo nunca localizadas, são meramente indicativos.

---

<sup>44</sup> DAVID, 1947.

<sup>45</sup> COSTA, 1997.

<sup>46</sup> VIANA, 1955: 4-5; BARROCA, 1987: 148; 2010-2011: 151; BROCHADO, 2004: 93; ALMEIDA, ALMEIDA, 2009: 47.

<sup>47</sup> VIANA, 1955: 9, fig. 3.

<sup>48</sup> VIANA, 1955: 4-5.

<sup>49</sup> A julgar pelas palavras de Abel Viana, não seria a única: «Por informações de uns pedreiros da Areosa, soubemos que sepulturas idênticas surgiram ali perto, ao edificar-se, em terreno de veiga, uma fábrica de capachos e artefatos similares. O dirigente da construção, porém, receando lhe embargassem a obra, mandou destruí-las sem detença» (VIANA, 1955: 4-5).

<sup>50</sup> VIANA, 1955: 4.

<sup>51</sup> PAÇO, QUESADO, 1956: 173.

<sup>52</sup> ALMEIDA, 2008: 266.

<sup>53</sup> BARROCA, 1987: 149; 2010-2011: 152; ALMEIDA, ALMEIDA, 2009: 48.

<sup>54</sup> BARROCA, 1987: 148; 2010-2011: 152.

Já no que respeita ao Monte de Agrichouso (Afife)<sup>55</sup>, os dados são mais específicos, tendo além do mais havido possibilidade de os confirmarmos presencialmente no terreno. A primeira referência ao sepulcro rupestre de Agrichouso deve-se a Afonso do Paço e Aníbal Quesado do Paço. Integrado numa bouça privada, situa-se a meia encosta, a norte do caminho que se prolonga até à *Casa do Velho*<sup>56</sup>, cerne de uma lenda que continua viva entre os populares. Em pontos distintos da mesma elevação (concretamente, a nascente do sepulcro), erguem-se dois assentamentos proto-históricos: o Castro do Agrichouso e o do Monte do Crasto<sup>57</sup>. Há, contudo, vestígios medievais sinalizados nas imediações. Com efeito, a partir do século XI, na área rural do concelho de Viana começam a estabelecer-se mosteiros beneditinos. A leste, ergueram-se os de São Salvador da Torre e São Cláudio de Nogueira. No litoral, concretamente, em Afife, foi construído o de Cabanas<sup>58</sup>.

Ora, apesar de o texto de Afonso do Paço e Aníbal Q. do Paço não incluir descrição da morfologia desta sepultura isolada<sup>59</sup>, comprovámos a justeza das (escasas) indicações de implantação, assim como das medidas registadas. Trata-se de um exemplar sub-retangular ou trapezoidal, escavado num afloramento granítico, com rebordo elevado total (Figs. 2 e 3). Provido de cabeceira algo irregular (posicionada a NO), denota ligeiro estreitamento na extremidade oposta. E há dois aspetos relativos ao estado de conservação do sepulcro que importa sublinhar. Por um lado, o facto de o crescimento de um eucalipto ter danificado completamente a zona dos pés; por outro, o de a laje da parede lateral sul ter quebrado, jazendo no interior da sepultura quando a localizámos no terreno.

Desloquemo-nos agora para Nogueira e Amonde, freguesias vizinhas, ambas com núcleos de sepulturas rupestres sinalizadas, respetivamente, a norte e nordeste da Serra de Perre e a nascente da de Santa Luzia. Nos dois casos, porém, as prospeções por nós levadas a cabo em fase prévia à da realização do Congresso de 2017 não se saldaram na realocação das estruturas: uma situação idêntica à experienciada pela equipa de arqueologia do município de Viana do Castelo, que bateu o terreno

<sup>55</sup> PACO, QUESADO, 1956: 173; BARROCA, 1987: 147; 2010-2011: 150-151; ALMEIDA, ABREU, 1988, ficha n.º 4; ALMEIDA, ALMEIDA, 2009: 47.

<sup>56</sup> PAÇO, QUESADO, 1956: 173.

<sup>57</sup> PAÇO, QUESADO, 1956: 83, 172-173.

<sup>58</sup> MOREIRA, 1986: 227.

<sup>59</sup> Note-se que, à luz da perspetiva enunciada por Katja Kliemann, as sepulturas isoladas ilustram a vigência de um povoamento disperso (KLIEMANN, 1986: 78-79). I., Martín Viso, todavia, questiona a validade desta correlação, no seu entender, demasiado simplista, atendendo sobretudo ao facto de algumas aldeias poderem não possuir espaços centralizados de sepultamento (MARTÍN VISO, 2016: 864). Já para Jordi Bolòs e Montserrat Pagès, as sepulturas isoladas poderiam eventualmente ter sido destinadas a eremitas (BOLÒS i MASCLANS, PAGÈS i PARETAS, 1982: 64; 70). Todavia, parece evidente a desproporção entre os diversos casos conhecidos de sepulcros isolados e a dimensão do fenómeno eremítico, circunstância que obriga a encarar esta hipótese com reservas (BARROCA, 2010-2011: 136).



**Fig. 2.**  
Sepultura sub-retangular de Agrichouso (Afife). Em primeiro plano é observável a zona dos pés, atualmente truncada, devido ao crescimento de um eucalipto  
Fonte: Andreia Arezes



**Fig. 3.**  
Perspetiva da parede lateral sul da mesma estrutura, parcialmente fragmentada. Conforme perceptível, a estrutura encontra-se completamente rodeada de vegetação  
Fonte: Andreia Arezes

no âmbito da revisão do PDM<sup>60</sup>. Não obstante, em fevereiro de 2020, fomos informados de que o núcleo de Nogueira, concretamente implantado na chamada Bouça das Freiras, fora entretanto realocado pela referida equipa, tendo as coordenadas apresentadas na cartografia em anexo sido corrigidas em conformidade<sup>61</sup>.

A maior dificuldade com que nos deparámos ao procurar identificar as sepulturas na Bouça das Freiras<sup>62</sup> prendeu-se com a densidade da vegetação presente, que dissimulava os afloramentos graníticos e alguns restos de alinhamentos pétreos, fundamentalmente correspondentes a muros de divisão de propriedade. Para a área em questão começou por ser mencionada a existência de duas estruturas não antropomórficas: uma, de configuração sub-retangular, com ângulos arredondados; outra, tendencialmente quadrangular, marcada por pronunciado desvio para o lado direito<sup>63</sup>. Todavia, no arrolamento de sítios de 2009, é feita referência a três dispositivos<sup>64</sup>, mas sem apresentação de descrições tipológicas ou de imagens associadas a cada um deles. O único registo disponibilizado<sup>65</sup> mostra um dispositivo truncado, mas que pelo contorno se presume poderia eventualmente ser ovalado.

É interessante sublinhar, contudo, a permanência de memórias acerca das estruturas da Bouça das Freiras entre os habitantes de Nogueira. Na base da elevação, um morador dizia recordar-se de uma sepultura onde chegou a deitar-se; atualmente, porém, era incapaz de lhe encontrar o rasto entre o mato denso. Não faltou, em paralelo, quem nos chamasse a atenção para o topónimo que, segundo a tradição<sup>66</sup>, remeteria para a existência de um antigo convento feminino na zona, com ligação subterrânea direta até ao Mosteiro Beneditino de São Cláudio de Nogueira, este sim, perfeitamente documentado, e do qual subsiste a igreja românica, com elementos resultantes da ampliação gótica<sup>67</sup>.

Já em relação ao conjunto do Folgadoiro, Amonde<sup>68</sup>, situado na área das minas de estanho, minério intensamente explorado no período de ocupação romana<sup>69</sup>,

---

<sup>60</sup> Também as prospeções realizadas por Cláudio Brochado tiveram desfecho similar, devido à forte presença de mato e eucaliptos (BROCHADO, 2004: 173).

<sup>61</sup> Deixamos aqui novo agradecimento ao Miguel Costa, pela atualização da informação e também pela indicação das coordenadas retificadas.

<sup>62</sup> BARROCA, 1987: 148; 2010-2011: 152; ALMEIDA, ABREU, 1988: ficha n.º 66; BROCHADO, 2004: 172-173; ALMEIDA, ALMEIDA, 2009: 47.

<sup>63</sup> BARROCA, 1987: 148; 2010-2011: 152.

<sup>64</sup> Será este, de facto, o número efetivo de sepulturas conservadas no local, ainda que, segundo Miguel Costa, uma delas possa não ter sido devidamente acabada.

<sup>65</sup> ALMEIDA, ALMEIDA, 2009: 47.

<sup>66</sup> Sobre este ponto, ver também BROCHADO, 2004: 173.

<sup>67</sup> ALMEIDA, BARROCA, 2001: 92-93.

<sup>68</sup> VIANA, 1955: 5-6; BARROCA, 1987: 147; 2010-2011: 151; ALMEIDA, ABREU, 1988: ficha n.º 20; BROCHADO, 2004: 173.

<sup>69</sup> ALMEIDA, 2008: 242.

conhece-se igualmente uma única imagem, publicada por Abel Viana<sup>70</sup>. Desde então, porém, têm saído goradas as tentativas para localizar no terreno quer a sepultura fotografada (trapezoidal, com rebordo para apoio da tampa), quer as restantes que integrariam o núcleo, de que não se conhece número, dimensões ou tipologia. A propósito, aliás, convém mencionar que, segundo Abel Viana, a zona de exploração mineira de Amonde integrava não apenas diversas sepulturas rupestres, mas também restos de «alicerces de construções muito rudes», que se articulavam no espaço com os mencionados vestígios tumulares<sup>71</sup>. A descrição em causa levou Mário Barroca a sugerir a hipótese de as sepulturas de Amonde poderem estar associadas a uma estrutura pré-românica<sup>72</sup>, o que, a confirmar-se, seria de extraordinário interesse, especialmente se houvesse possibilidade de proceder a escavações no terreno e de confirmar, estratigraficamente, as relações vigentes entre os diversos dispositivos sinalizados. Contudo, os obstáculos colocados pela vegetação, conjugados com a presença de cortadas, decorrentes da exploração mineira, não facilitam o trabalho de prospeção. Assim, não nos é possível sequer assegurar que as estruturas se mantêm conservadas no terreno.

As dúvidas a respeito das sepulturas rupestres já elencadas são, de facto, consideráveis. Acresce notar que, para outras ocorrências identicamente assinaladas na margem direita do Lima, comprova-se que, de facto, já não restam vestígios materiais. É este o caso de São Gil, um lugar «encaixado» entre o Castro do Vieito (também chamado de Alto do Muro)<sup>73</sup> e o Castro do Castelhão, onde Afonso do Paço e Aníbal do Paço Quesado afirmam ter existido dois sepulcros<sup>74</sup>.

O Castelhão, que dista do Vieito cerca de 500 metros<sup>75</sup>, denota menor altitude e ergue-se a sudeste deste último povoado (entretanto escavado até à rocha de base), logo atrás do denso casario que hoje ocupa São Gil. As duas sepulturas, de contorno trapezoidal, e uma das quais provida de cantos arredondados, estariam localizadas nas imediações do Castelhão. De acordo com indicação dos autores, ambas foram mutiladas, num dos casos, devido à construção de um caminho<sup>76</sup>. De facto, e em visita ao local, percebemos o quanto o lugar vem sendo alterado. Persistem, contudo, indícios do forte cunho granítico daquele espaço: nas áreas ainda baldias, em afloramentos talhados aos quais entretanto se sobrepuseram

---

<sup>70</sup> VIANA, 1955: 13, fig. 8, n.º 2.

<sup>71</sup> VIANA, 1955: 5-6.

<sup>72</sup> BARROCA, 2010-2011: 151.

<sup>73</sup> PAÇO, QUESADO, 1956: 84-85.

<sup>74</sup> PACO, QUESADO, 1956: 87; NEVES, 1965: 174-175; BARROCA, 1987: 148-149; 2010-2011: 152; ALMEIDA, ABREU, 1988, ficha n.º 77; BROCHADO, 2004: 94, 183; ALMEIDA, ALMEIDA, 2009: 48.

<sup>75</sup> PAÇO, QUESADO, 1956: 84-85.

<sup>76</sup> PAÇO, QUESADO, 1956: 87.

**Fig. 4.**  
 Fachada principal da  
 Capela da Senhora  
 do Olival e respetivo  
 adro. Nas traseiras,  
 a nascente, são  
 perceptíveis as  
 paredes exteriores de  
 construção desportiva  
 recente  
 Fonte: Andreia Arezes



alinhamentos recentes, ou nos próprios caminhos, concretamente, nas lajes que pontuam entre os paralelos.

Não longe do Castro do Calvário (a cerca de 1,5 km do Vieito), os mesmos autores identificaram, junto da Capela de Nossa Senhora do Olival, à altura terreno privado (pertença da família Espregueira Mendes<sup>77</sup>), uma outra sepultura rupestre, já destruída<sup>78</sup>, da qual se desconhece a morfologia, a orientação e as dimensões. Subsiste a Capela (Fig. 4), lugar de antiga devoção popular, ladeada pelo que resta do adro e do antigo olival. No interior, do lado da Epístola, persiste igualmente o brasão com as Armas dos Bezerras e, sob ele, a inscrição funerária de Pedro Nunes Bezerra, falecido em 1600<sup>79</sup>. Em tempos espaço ermo onde, segundo informações orais, afluíam grupos de Perre e das freguesias vizinhas, pedindo proteção para as grávidas, é hoje ponto de afluência dominical por outras motivações, uma vez que, escassos metros a nascente, foi construído um polo desportivo<sup>80</sup>.

A mesma ausência de testemunhos é assinalada noutros casos. José Rosa de Araújo menciona um velho caminho que ladeava «sepulturas rupestres» no Lugar do Padrão, Cardielos<sup>81</sup>, área onde se terá firmado a única honra documentada no território atualmente abarcado pelo concelho de Viana em época medieval<sup>82</sup>. Dos

<sup>77</sup> ALMEIDA, ABREU, 1988.

<sup>78</sup> PACO, QUESADO, 1956: 82, 85; BARROCA, 1987: 148; 2010-2011: 152; ALMEIDA, ABREU, 1988, ficha n.º 88; BROCHADO, 2004: 182.

<sup>79</sup> GAIO, 1938: 30.

<sup>80</sup> A sul, por seu turno, sobressai um caminho recente em primeiro plano e, em segundo, o traçado da A27.

<sup>81</sup> ARAUJO, 1962: 64; BARROCA, 1987: 148; 2010-2011: 151; ALMEIDA, ABREU, 1988: ficha n.º 36; BROCHADO, 2004: 93, 118; ALMEIDA, ALMEIDA, 2009: 48.

<sup>82</sup> MOREIRA, 1986: 40-41.

referidos dispositivos, contudo, e mais uma vez, nada se sabe. Não obstante, no terreno envolvente da Igreja Paroquial de invocação a Santiago, sobre o qual se ergue a citânia de São Silvestre, conserva-se, em contrapartida, um sarcófago monolítico de configuração trapezoidal<sup>83</sup>.

## 2.2. A sul do Lima

Resta-nos abordar a margem esquerda do Lima, onde C. A. Brochado de Almeida e Pedro Brochado de Almeida cartografaram três novos sítios: um, na Gândara (São Romão do Neiva), outro em Figueiredo (Vila Franca do Lima) e o último em Outeiro (Portela de Susã). Como ponto de contacto entre as sepulturas de Figueiredo (Vila Franca do Lima) e Outeiro (Portela de Susã)<sup>84</sup>, destaque-se o facto de se encontrarem atualmente integradas em propriedades privadas.

Começemos pelo sepulcro de Gândara<sup>85</sup>, São Romão do Neiva, situado a escasas dezenas de metros a norte do leito do Neiva, e não longe do traçado apontado para a velha *Estrada Real* que, segundo Brochado de Almeida, decalcaria o da antiga via secundária romana (*Per Loca maritima*), que estabelecia a ligação entre Porto e Caminha<sup>86</sup>. Anteriormente, já Carlos Alberto Ferreira de Almeida aludira à via que, desde Vila do Conde, cruzava a Póvoa de Varzim, Esposende, Marinhas e Neiva, daí prosseguindo até Viana: um eixo cuja importância é perfeitamente evidente em época moderna<sup>87</sup>. Também a propósito das Terras do Neiva, não poderíamos deixar de mencionar o facto de a fundação do Mosteiro Beneditino de São Romão recuar aos séculos X-XI. Contudo, da traça original não há vestígios: o século XVII marca a demolição da estrutura primitiva (que chegara a ser reedificada nos inícios da XII centúria) e a construção de um novo templo e área conventual, já ao gosto maneirista<sup>88</sup>.

Acerca da sepultura propriamente dita (Fig. 5), de contorno trapezoidal, importa sublinhar que atualmente se encontra envolta em densa vegetação, o que condiciona fortemente a perceção da sua presença no terreno, sensivelmente a meia encosta. Com 1,92 m de comprimento, orientada no sentido SO-NE, e dotada de rebordo bem evidente na zona da cabeceira, muito embora algo irregular, destaque-se o seu contorno sub-retangular, mas levemente arqueado. Acrescente-se ainda que a orla da zona dos pés (esta, alteada), a par de parte considerável da face sul da estrutura, se encontram danificadas, fruto da tentativa (frustrada) de a deslocar do seu contexto.

<sup>83</sup> BARROCA, 1987: 199.

<sup>84</sup> ALMEIDA, ALMEIDA, 2009: 48 -49.

<sup>85</sup> ALMEIDA, ALMEIDA, 2009: 49.

<sup>86</sup> ALMEIDA, 2008: 251, 275, 285.

<sup>87</sup> ALMEIDA, 1968: 180-181.

<sup>88</sup> GUERRA, 1923; ALMEIDA, 1987.



**Fig. 5.**  
 Imagem do sepulcro de Gândara  
 (São Romão do Neiva). Devido à densa cobertura  
 vegetal e às sombras patentes aquando da  
 captação da fotografia, o registo apresenta  
 algumas limitações de visibilidade  
 Fonte: Andreia Arezes

Seguindo agora para Vila Franca, reaproximamo-nos do curso do Lima. O núcleo de Figueiredo inscreve-se num planalto de terras férteis e com boa exposição solar<sup>89</sup>, localizado nas proximidades da Igreja Paroquial, e no sopé do Castro de Roques ou Santinho, que se ergue sensivelmente a noroeste.

De acordo com a obra que dá a conhecer o núcleo, o sepulcro apresentado em fotografia é o único conservado que um conjunto de três estruturas<sup>90</sup>. De configuração não antropomórfica, tendencialmente trapezoidal, mas com ângulos arredondados, esta sepultura alinhada segundo o eixo NE-SO, exhibe rebordo pronunciado e atinge 1,80 m de comprimento. E apesar do amontoado de blocos graníticos que se acumulam sobre o afloramento onde foi talhada, concretamente, a norte, podemos afirmar que se encontra razoavelmente bem preservada (Fig. 6). De qualquer modo, e não obstante as indicações de aniquilação dos restantes dispositivos, optámos por

<sup>89</sup> ALMEIDA, 2008: 298.

<sup>90</sup> ALMEIDA, ALMEIDA, 2009: 49.



**Fig. 6.**  
 Perspetiva da primeira das sepulturas do núcleo de Figueiredo (Vila Franca do Lima). Apresenta configuração trapezoidal e em bom estado de conservação global  
 Fonte: Andreia Arezes

realizar prospeção na área envolvente, a qual se saldou na identificação de parte de uma outra sepultura.

Encontrámo-la truncada, conservada apenas na zona dos pés e arranque do corpo, o que inviabiliza a possibilidade de asseverar com segurança qual a tipologia que evidenciaria originalmente. Com efeito, o corte efetuado no terreno para a preparação da área de cultivo mutilou-a, deixando a descoberto apenas 86 cm da sua extensão original. Desconhecemos, em paralelo, se outras existiriam sob a habitação entretanto construída, cuja base é igualmente observável no registo apresentado em anexo (Fig. 7).

De notar também a identificação de um negativo numa área de penedia, a escasas dezenas de metros das duas estruturas funerárias. A configuração que apresenta, aliada à escassa profundidade e à orientação dissonante, contrariam a possibilidade de ser classificado como sepultura infantil, como à primeira vista se poderia supor. Contudo, não sabemos se a «terceira sepultura» mencionada na publicação de 2009<sup>91</sup>

<sup>91</sup> ALMEIDA, ALMEIDA, 2009: 49:

**Fig. 7.**

Imagem ilustrativa da segunda estrutura sepulcral do núcleo de Figueiredo. Truncada, exhibe parte da área onde repousariam os membros inferiores, sendo o contorno da zona dos pés suavemente arredondado. Fonte: Andreia Arezes



diria respeito a este negativo (à altura não localizado) ou, em alternativa, se existiria uma outra ocorrência efetivamente destruída aquando da construção de algum dos edifícios que agora se espriam pelo local.

A última ocorrência leva-nos até ao lugar de Outeiro, freguesia de Portela de Susã<sup>92</sup>. Aí, mais propriamente, na Rua da Pia dos Mouros, um sugestivo topónimo identificado nas proximidades da Igreja Paroquial<sup>93</sup>, destaca-se numa pequena elevação de terreno, a poente da Serra da Padela, e a nascente do já mencionado Castro de Roques.

À semelhança das demais sepulturas apresentadas, a do Outeiro não possui contorno antropomórfico (Figs. 8 e 9). É, antes, trapezoidal, com ângulos arredondados. A orientação, por seu turno, diverge um pouco da evidenciada pelos outros exemplares aqui tratados, sendo que a cabeceira surge posicionada a nordeste e os pés a sudoeste. Há que notar, contudo, o facto de o alinhamento em causa coincidir exatamente com o da pendente do afloramento em que o sepulcro foi talhado<sup>94</sup>, denunciando uma perfeita adequação da construção ao bloco granítico. A realçar há ainda o facto de o sepulcro possuir um canal de escoamento, entretanto reforçado em diâmetro e robustez, com a colocação de uma pequena tubagem na abertura de

<sup>92</sup> ALMEIDA, ALMEIDA, 2009: 48.

<sup>93</sup> Segundo C. A. Brochado de Almeida «A igreja encontra-se na parte central da freguesia, voltada para Poente, para a depressão que a separa do Monte de Roques e que foi aproveitada para a passagem da via romana per loca marítima. Restos de imbrices, de tegulae e de cerâmica [...] da parte final da ocupação romana, apareceram quando se alargou um velho caminho que fazia a ligação dos lugares do Outeiro ao Souto [Notícias de Viana de 27 de Junho de 1991]. O sítio onde aparecerem, dista cerca de duas centenas de metros da Igreja Paroquial» (ALMEIDA, 2008: 287).

<sup>94</sup> Este caso poderá ilustrar uma observação previamente registada por Mário Barroca: «os desvios podem estar relacionados com a própria morfologia do terreno onde o cemitério foi aberto» (BARROCA, 2010-2011: 132).



**Figs. 8 e 9.** Registos relativos à sepultura trapezoidal de Outeiro (Portela de Susã). Ainda que preservada, denota alguns apontamentos intrusivos recentes  
Fonte: Andreia Arezes

secção circular. Este não é, contudo, o único testemunho da apropriação e reutilização da estrutura rupestre.

Com efeito, o terreno onde se localiza mostra-se muito alterado. O próprio penedo que a recebeu apresenta-se quase que dissimulado entre os elementos que o ladeiam, nomeadamente, entre as construções correlacionadas com a habitação e as peças decorativas. Contudo, e apesar do cenário envolvente, a sepultura persistiu e surge «insinuada» na toponímia.

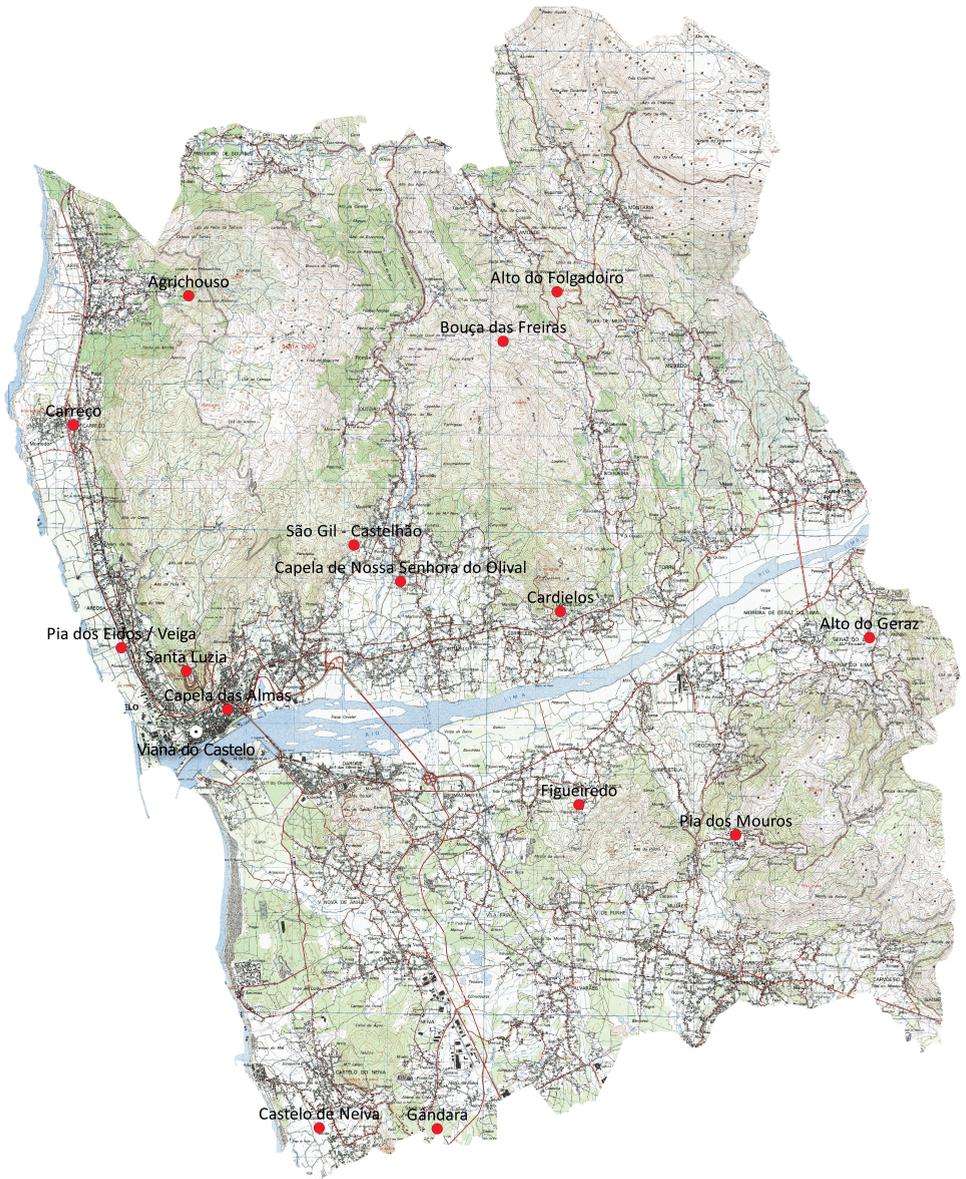
### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para um universo de quinze ocorrências arroladas no território em estudo (Mapas 1 a 4), começamos por assinalar o facto de em nenhuma das situações analisadas (diretamente, ou através de fontes secundárias), ter sido possível detetar as lajes de cobertura associadas, independentemente de constarem de exemplares monolíticos ou de uma sequência de blocos pétreos que se articulariam como tampa. Ou seja, todos os exemplares se apresentavam descobertos, circunstância que, eventualmente, poderá ficar a dever-se a episódios de espoliação. Por outro lado, e no que se refere ao domínio das tipologias, destacamos a prevalência absoluta das sepulturas sub-retangulares ou trapezoidais, e a ausência de estruturas dotadas de contornos antropomórficos. É certo que são conhecidas descrições de dispositivos compatíveis com a identificação do referido tipo de contorno (por exemplo, em Castelo de Neiva<sup>95</sup>), mas nenhuma delas foi, até ao momento, confirmada no terreno.

Relativamente à cronologia dos exemplares elencados, todos destinados a adultos, há algumas questões prementes a realçar. À luz da perspectiva «evolucionista» formulada por Alberto del Castillo, e atendendo, pois, à morfologia que apresentam, poderiam ser encarados como testemunhos arcaicos deste tipo de arquitetura, o que os remeteria para os primeiros tempos de afirmação desta manifestação funerária tão particular (séculos VII-VIII). Além do mais, o facto de, em grande medida, aparecerem isolados no terreno ou, quando muito, em pequenos núcleos corroboraria esta hipótese, na medida em que poderiam ser encarados como indício de uma malha de povoamento disperso, sintoma, por seu turno, da ausência de uma rede paroquial perfeitamente estabelecida. Todavia, e no que ao Entre Douro e Minho diz respeito, assumir sem reservas esta conexão levanta problemas, até porque a polarização assumida por um cemitério único junto do espaço de culto paroquial (premissa subjacente ao argumento evocado) só viria a generalizar-se substancialmente neste território na fase final da Alta Idade Média. Por outro lado, é sabido que a investigação continua

---

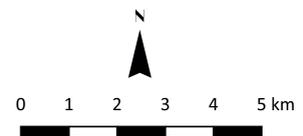
<sup>95</sup> «Segundo informação de Eduardo Jorge Lopes da Silva, em Castelo de Neiva, num afloramento granítico implantado no alto de um monte, encontram-se duas sepulturas rupestres, abertas uma a par da outra. Trata-se de sepulturas sub-retangulares, com solução antropomórfica de arco ultrapassado e com desnível entre a cabeceira e a zona destinada ao corpo» (BARROCA, 2010-2011).



**Concelho de Viana do Castelo**

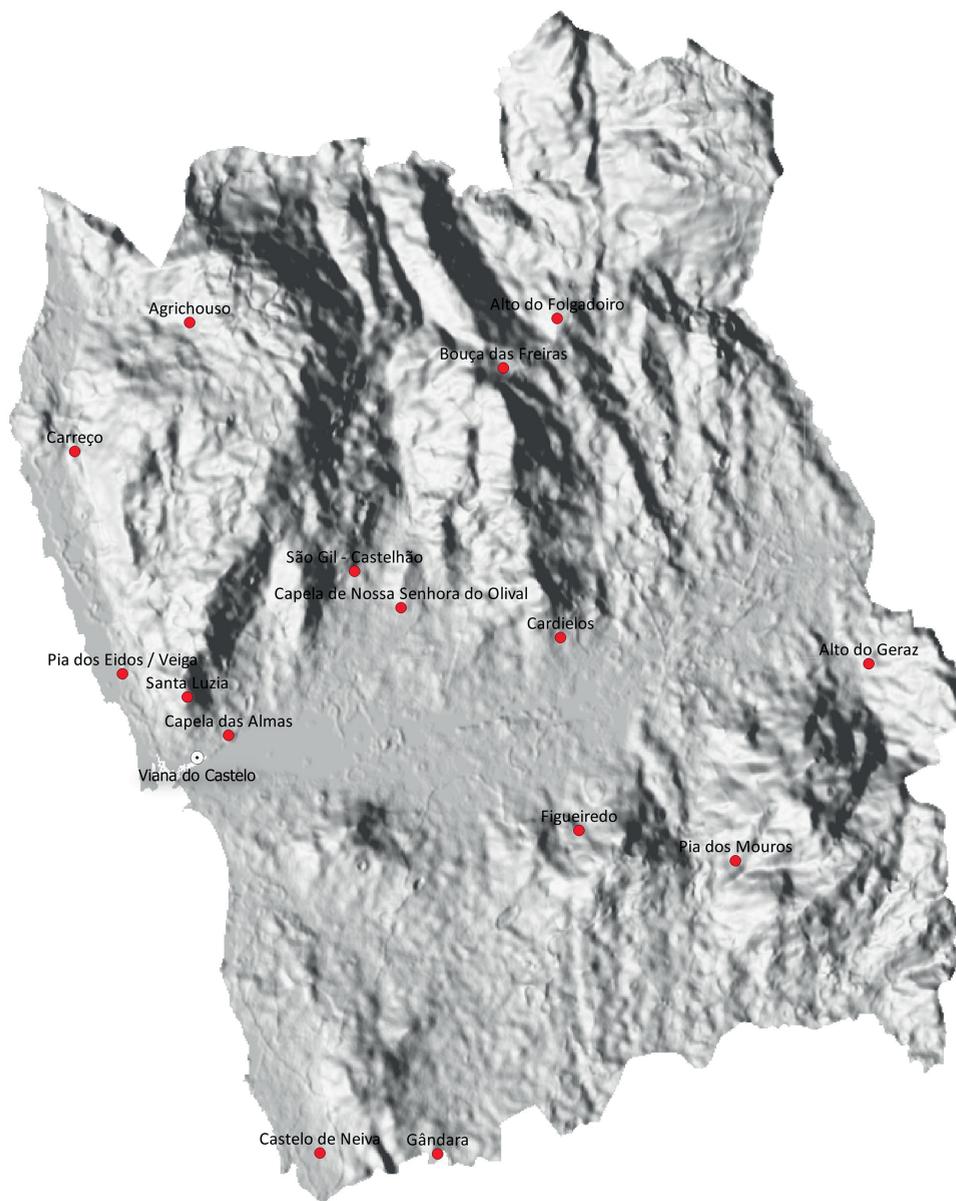
- Viana do Castelo - sede do Concelho
- Sepulturas isoladas ou núcleos de sepulturas

Carta Militar de Portugal - Série M888 - 1/25 000, n.ºs 27, 28, 40, 41, 54 e 55



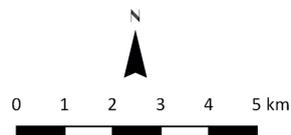
**Mapa 1.** Implantação das sepulturas escavadas na rocha do curso inferior do Lima sobre as Cartas Militares (escala 1/25 000) do concelho de Viana do Castelo

Fonte: composição de César Guedes



**Concelho de Viana do Castelo**

- Viana do Castelo - sede do Concelho
- Sepulturas isoladas ou núcleos de sepulturas



**Mapa 2.** Localização das estruturas rupestres sobre modelo digital com apresentação do relevo do concelho  
Fonte: composição de César Guedes



**Mapa 3.** Mapa das sepulturas, com indicação das ocorrências realocizadas, não localizadas e destruídas  
 Fonte: composição de César Guedes



**Mapa 4.** Mapa das sepulturas, com referência às ocorrências isoladas, aos núcleos e às situações indeterminadas  
 Fonte: composição de César Guedes

a debater-se com dificuldades no que concerne ao estabelecimento de correlações entre tipologias e cronologias, e que a reiterada ausência de contextos estratigráficos selados no espaço em estudo não contribui para a afinação das propostas. Assim, consideramos complexo (por carência de dados) garantir que os sepulcros ovalados, assim como os sub-retangulares ou trapezoidais são, nesta região, necessariamente anteriores aos antropomórficos, de que não se conhecem testemunhos plenamente documentados. Mas, na esteira do que foi já assinalado por Mário Barroca, perfilamos a hipótese de as ocorrências sinalizadas poderem ser potencialmente enquadráveis entre o século VIII e o IX.

Menos problemática é a constatação de que, até ao momento, continua sem identificar no curso inferior do Lima um espaço passível de ser classificado, sem margem para dúvidas, como efetivo cemitério rupestre. É certo que alguns indícios correlativos ao núcleo das Almas seriam eventualmente sugestivos dessa possibilidade; contudo, não são suficientemente sólidos para sustentar afirmações categóricas. Por outro lado, e no que respeita à orientação apresentada pelos sepulcros inventariados, registou-se alguma regularidade, mas não a plena adoção do alinhamento canónico, na medida em que, quase invariavelmente, foram sinalizados desvios, mais ou menos acentuados. A esta evidência acrescenta-se uma outra: a da própria diversidade de opções no que respeita à localização das estruturas. Face, pois, à variedade de soluções documentadas no território em análise e para uma amostra que está longe de se afirmar como marcadamente expressiva, haverá margem para considerar a existência de um padrão? Os dados recolhidos não parecem corroborar a vigência de uma norma única, mas atendendo ao investimento que a construção de uma sepultura rupestre representa, também se afigura discutível evocar circunstâncias puramente aleatórias ou acidentais para explicar a implantação destes dispositivos. Julgamos, pelo contrário, que outras estratégias e condicionantes, eventualmente decorrentes da vontade individual e/ou familiar, ou talvez mesmo das especificidades da propriedade ou da paisagem, cuja posse se poderá ter pretendido vincar, teriam ditado a materialização de um conjunto de escolhas. Em declives pouco pronunciados do terreno, ou a meia encosta; junto de zonas de passagem (caminhos ou vias) ou de outros eixos de comunicação (como os próprios cursos fluviais); nas proximidades de lugares com ocupação anterior, designadamente, proto-histórica e romana. Porquê? Talvez porque esses sítios continuavam a revelar-se atrativos, nalguns casos em razão da visibilidade de que auferiam na paisagem. O que não deixa de merecer reflexão, na medida em que a memória e a identidade destes defuntos não eram, supostamente, conservadas.

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho contou com a ajuda de várias pessoas, a quem agradeço toda a disponibilidade manifestada, e os contributos com que apoiaram a sua construção.

Ao Sr. Presidente da Junta de Freguesia de São Romão do Neiva, Manuel Salgueiro, que percorreu comigo o terreno e me indicou o posicionamento preciso da sepultura da Gândara, à altura completamente dissimulada pela vegetação; ao Arquitecto Fernando Matos, que me acompanhou a Vila Franca, e me facultou o acesso à propriedade onde se localiza o núcleo de Figueiredo; à D. Isabel, ao Sr. João e ao Sr. Fernando Correia de Lima, proprietários do terreno onde se encontra implantada a sepultura de Outeiro, em Portela de Susã, que me receberam com toda a amabilidade; ao Joaquim Oliveira, que me abriu as portas do NAIAA (Núcleo Amador de Arqueologia de Afife) e prospetou comigo o Monte do Agrichouso, ajudando ainda na captação dos registos; à Fátima Rodrigues, à Dina e ao Mateus Vilar, que comigo percorreram toda a zona da Bouça das Freiras, Nogueira, apesar das dificuldades causadas pelo mato denso e pelo calor intenso.

Finalmente, ao Miguel Costa, arqueólogo do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo, pelas informações transmitidas e pela cedência de fotografias do núcleo da Capela das Almas, e ao César Guedes, por ter vertido os dados colhidos na bibliografia e no terreno para a cartografia que é apresentada em anexo.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, A. Antunes *et al.* (1990). *1997-98 – Dois anos de pesquisa em arqueologia medieval e moderna em Viana do Castelo*. «Cadernos Vianenses». 14, 121-182.
- ABREU, A. Antunes; LOPES, J. da Cruz (1992). *Descoberta do local da igreja medieval da Meadela. Festas da Meadela*. Braga: Meadela.
- ALARCÃO, Jorge de (2015). *Os limites das dioceses suevas de Bracara e Portucale*. «Portvgalia». Nova Série. 36, 35-48.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de (1968). *Vias medievais entre Douro e Minho*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Licenciatura.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de (1987). *Alto Minho*. Lisboa: Editorial Presença.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de; BARROCA, Mário Jorge (2001). *História da Arte em Portugal: Gótico*. Lisboa: Editorial Presença.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de; BARROCA, Mário Jorge (2002). *História da Arte em Portugal: o Românico*. Lisboa: Editorial Presença.
- ALMEIDA, C. A. Brochado de; ABREU, A. Antunes (1988). *Carta Arqueológica de Viana do Castelo, 133 fichas soltas*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- ALMEIDA, C. A. Brochado de (2008). *Sítios que fazem História. Arqueologia do Concelho de Viana do Castelo. I. Da Pré-História à Romanização*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- ALMEIDA, C. A. Brochado de; ALMEIDA, P. M. Brochado de (2009). *Sítios que fazem História. Arqueologia do Concelho de Viana do Castelo. II. Da Idade Média à actualidade*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

- ARAÚJO, José Rosa (1962). *Caminhos velhos e pontes de Viana e Ponte de Lima*. Viana do Castelo.
- BARROCA, Mário Jorge (1987). *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre Douro e Minho (século V a XV)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação para Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.
- BARROCA, Mário Jorge (2010-2011). *Sepulturas escavadas na rocha de Entre Douro e Minho*. «Portvgalia». Nova Série. 31-32, 115-182.
- BOLÓS MASCLANS, Jordi; PAGÉS PARETAS, Montserrat (1982). *Les sepultures excavades a la roca*. In RIU, Manuel, dir. *Necropolis i sepultures medievals de Catalunya*. Barcelona: Departament d'Historia Medieval, pp. 59-103.
- BROCHADO, Cláudio (2004). *Povoamento tardo-romano e alti-medieval na bacia terminal do Rio Lima (séculos VI-XI)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- CASTILLO, Alberto del (1970). *Cronología de las tumbas llamadas "olerdolanas"*. In *XI Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: Secretaría General de los Congresos Arqueológicos Nacionales, pp. 835-845.
- CASTILLO, Alberto del (1972). *Excavaciones Altomedievales en las provincias de Sória, Logroño e Burgos*. «Excavaciones Arqueológicas en España». 74.
- COSTA, Avelino Jesus da (1997). *O bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*. Coimbra: Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos. 2 vols.
- DAVID, Pierre (1947). *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIe siècle*. Coimbra: Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos.
- FERNANDES, A. de Almeida (1994). *Meadela Histórica*. Viana do Castelo. Editor Paróquia de Santa Cristina da Meadela.
- GAIO, Manuel J. da Costa Felgueiras (1938). *Nobiliário de famílias de Portugal. Tomo VII*. Barcelos: Santa Casa da Misericórdia de Barcelos.
- GUEDES, César (2015). *A sul do Douro: percurso pelas sepulturas escavadas na rocha entre os rios Távora e Cabrum*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- GUERRA, Luiz Figueiredo da (1923). *Guia de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: [s.l.].
- IGEO CAOP & GTF Viana do Castelo (2012). *Mapa Hipsométrico de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- KLIEMANN, Katja (1986). *Un aspecte de les necropolis medievals: les sepultures antropomorfes a Catalunya*. Barcelona: Tese de Licenciatura.
- LEAL, António (2009). *Igreja das Almas: as almas da igreja velha*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- LEAL, Augusto Pinho (1882). *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario geográfico, estatístico, chorographico, heraldico, archeologico, histórico, biográfico e etymologico*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Cardoso, vol. 10.
- LOPES, Isabel Alexandra Resende Justo (2002). *Contextos Materiais da Morte durante a Idade Média: as necrópoles do Douro Superior*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. 2 vols.
- LOPES, Isabel Alexandra Resende Justo (2002). *Contextos Materiais da Morte durante a Idade Média: as necrópoles do Douro Superior*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. 2 vols.
- MARQUES, José (2003). *Formas de organização do espaço na Idade Média*. In JORGE, V., coord. *Arquitectando espaços: da natureza à metapolis*. Porto: FLUP; Coimbra: CEAUCP, pp. 151-171.
- MARQUES, José (2004). *A fronteira do Minho, espaço de convivência galaico-minhota, na Idade Média*. In SILVA, F. R., coord. *Estudos de Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*. Porto: FLUP, pp. 697-712.

- MARTÍN VISO, Iñaki (2016). *Comunidades locais, lugares centrais y espacios funerarios en la Extremadura del Duero Altomedieval: las necrópolis de tumbas excavadas en la roca alineadas*. «Anuario de Estudios Medievales». 46: 2, 859-898.
- MATOS, José M. (1994). *A Igreja de Santa Cristina da Meadela*. Viana do Castelo.
- MOREIRA, António Fernandes Moreira (1986). *O Município e os Forais de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- NEVES, Leandro Quintas (1965). *Os castros do Norte de Portugal*. «Lucerna». 4, 172-180.
- PAÇO, Afonso do; QUESADO, Aníbal do Paço (1956). *Digressões Arqueológicas pelo Alto Minho*. «Arquivo do Alto Minho». 1ª Série. 6, 1-2.
- PEREIRA, Andreia; MARTINS, Bruno (2018). *Descodificadores da paisagem cultural no setor terminal da bacia do Lima: entre a geomorfologia e o património histórico-arqueológico*. In VIEIRA, A. et al. *Atas do II Encontro Luso-Afro-Americano de Geografia Física e Ambiental*. Guimarães: CEGOT-Universidade do Minho, pp. 1159-1166.
- REAL, Manuel (1985). *Santa Marinha da Costa. Notícia histórica*. «Boletim da D.G.E.M.N.», n.º 130.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.
- TEIXEIRA, Carlos; MEDEIROS, A. Cândido; COELHO, A. de Vasconcelos Pinto (1972). *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 5-A. Viana do Castelo*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- VIANA, Abel (1955). *Alguns instrumentos de pedra pulida do Alto Minho*. «Arquivo do Alto Minho». 5: 1.